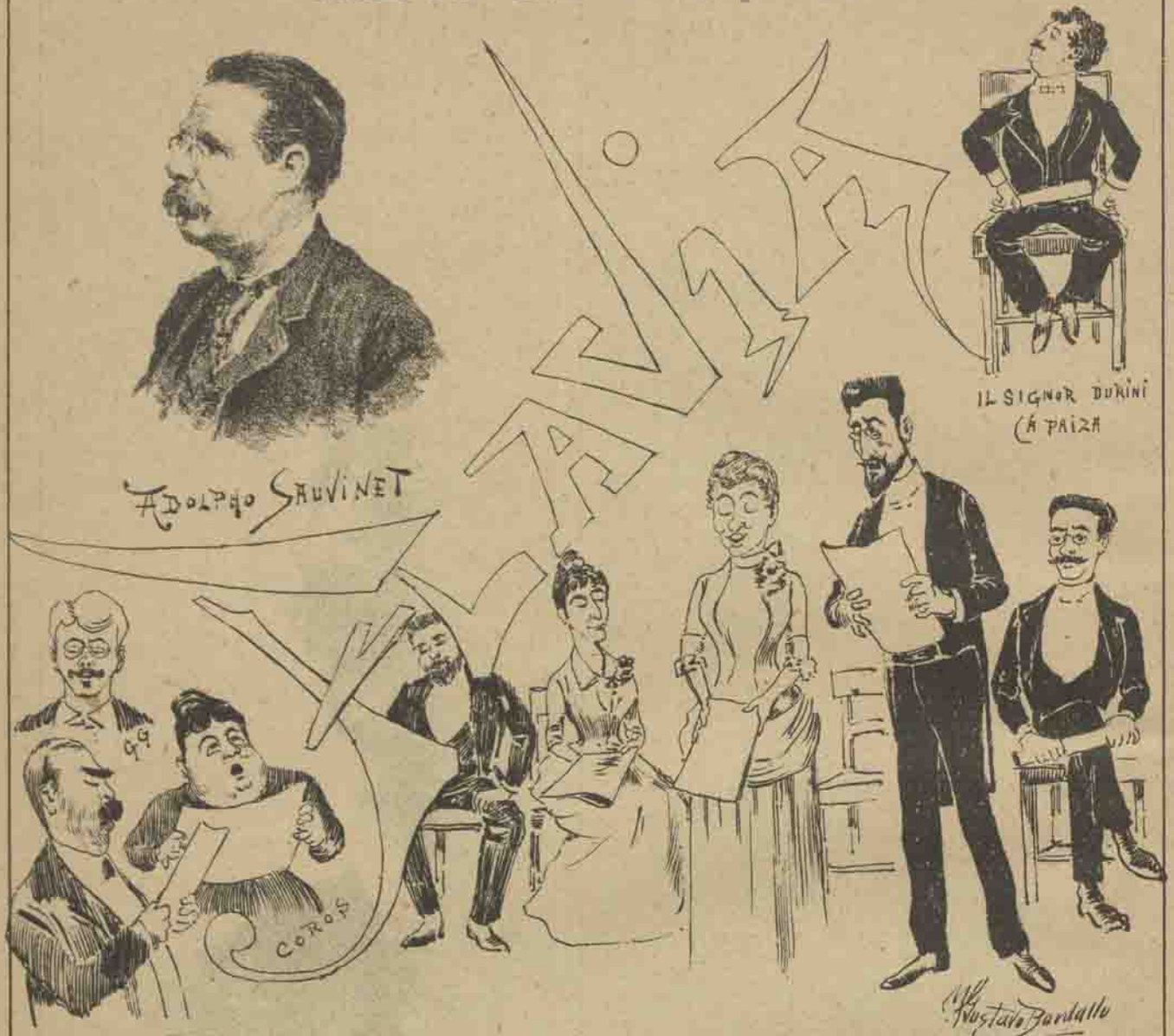
BORGES D'AVELLAR

Mais este, morto!

Nem por um momento a medonha ronda dos mortos se interrompe, e dos quarenta annos em diante, a gente passa a vida a comboiar camaradas e amigos ao sepulchro.

Borges d'Avellar foi um jornalista de talento; teve renome, vicissitudes, triumphos e dissabores como todos os homens de jornal. O publico esquecel-o-ha cedo talvez. O jornalismo é como o palco: e a palavra escripta, no respeitante á amplitude dos echos que desperta, nem por isso é mais duradoura do que a fallada. Que durma em paz mais este combatente derribado!

SALÃO DA TRINDADE



A *Flavia*, opera lyrica do compositor Adolphó Sauvinet, é uma melodia ingenua em quatro actos, desacompanhada d'effeitos instrumentaes, e aonde por egual se entrelaçam as inspirações graciosas, e as enfadonhas reminiscencias da velhissima escola italiana. Como debute é sympathica; mas o artista que quizesse subir d'ella até aos modelos d'opera que actualmente deleitam o *dilettanti*, teria d'accumular vastos esforços de trabalho, e de refazer inteiramente os seus processos de composição. Nas audições que a *Flavia* teve na Trindade, tractou-se apenas de prestar culto ao talento d'um homem, cuja vida se tem passado nos puros dominios da arte, e que é por todos os motivos estimado e bemquisto de todos. Mais agradaria a opera, se tivesse sido bem cantada, se a houvessem representado n'um palco, com scenario, vestidos e *mise-en-scene* apropriados.

Esgrimistas

Gentil D. Laura
E a Pepa formosa,
—Qual mais gentil rosa
Das rosas nas listas—
Deixando as agulhas,
Bordados, colchetes,
Tomando os floretes
Vão ser esgrimistas!

Da China e da Persia
Virá gente em barda
P'rá vel-as em guarda
Crusando espadins;
Veremos de susto
Tremendo ao abalo
Gustavo Bordallo
E Antonio Martins!

Eu faço mil votos
A' face do templo
P'ra que um tal exemplo
Se estenda p'lo mundo
E todas as damas
Aprendam depressa
O golpe á cabeça,
A's pernas e a fundo.

E em sendo isso moda
Então só anhelo
Bater-me em duello
—De morte elle fôra...—
Pois tenho um desejo,
De ha muito encravado
Morrer espetado
Por uma senhora...

Por ahi...

E' innegavel que nós caminhamos a passos agigantados na avenida do progresso!

Ainda não ha meia duzia de annos que o sr. conselheiro Adriano Machado gosava entre nós a fama de que, no espirometro da rhetorica, ninguem lhe levava as lampas em folego parlamentar.

Quatro horas de fallacia successiva chamaram sobre s. ex.ª a attenção de todo o continente e possessões ultramarinas e elle foi a *una voce* acclamado como o primeiro Adriano dos nossos tempos, como o unico Machado que nós possuimos, tanto para uso caseiro como para exportação. O nosso applauso e as nossas bençãos entornaram-se copiosos sobre a sua cabeça a ponto de s. ex.ª dever estar hoje mais encabellado de que a propria Myrra — se o nosso applauso e as nossas bençãos guardassem as propriedades tonico-capilares do famigerado *Oleo do Egypto*.

×

Isto passou-se ha quatro annos e foi celebrado por todas as gazetas, contado por todos os poetas, e não nos recordamos se até tocado por todos os pianos, em algum d'esses fadinhos commemorativos com que a inspiração nacional costuma eternisar a fama dos delectos e ensurdecer os ouvidos do resto da visinhança...

Mas, com o tempo que corre, como a ephemera gloria correndo tambem vae!

O verbo sem segundo do dr. Adriano Machado, de verbão que era, no superlativo, pelas suas superlativas qualidades, está hoje reduzido a um simples verbinho, como o verbo *comer*, na opinião dos professores de instrucção primaria — para os quaes, effectivamente, comer é uma coisa que se faz tão diminuto numero de vezes que na verdade bem lhe assenta a classificação de diminuitivo.

O que é hoje o sr. Adriano Machado, que apenas conseguiu fallar quatro horas sem tomar o folego, comparativamente com os srs. Lopo Vaz, Franco Castello Branco e Marianno de Carvalho, cada um dos quaes fallou á sua parte duas sessões inteiras na questão dos tabacos, que é como quem diz oito horas sem desencavar sobre o mesmo assumpto?!

×

Mas valeu bem a pena essa meia duzia de sessões ou essas duas duzias de horas, visto como de tanta e tão brilhante rhetorica surdiu ao menos para o nosso espirito o socego de que elle tanto necessitava, alvorotado como o trazia a suspeição latente de que o caso dos 449 contos fosse um escandalo sem segundo na historia — na historia e nos *contos* — do esgroviado thesoiro publico.

Será escandalo *sem segundo* — ao menos por emquanto — mas o que ficou provado até á evidencia é que não foi escandalo sem primeiro — e até sem uns poucos de primeiros...

O que o governo progressista acaba de fazer, com o *supposto* escandalo dos 449 contos, não foi mais de que uma imitação grosseira de outros tambem *suppostos* escandalos praticados por todos os governos transactos.

Protestando contra essa imitação grosseira, poderá o partido regenerador dizer, como o auctor do *papier Duc*, aos senhores consumidores:

—Experimentae e comprae! o meu triumpho é certo!

E é!

Mais popular que as cantatas
Do terceto dos tres ratas,
É a loja de gravatas
Onde os mais aristocratas
Fidalgos de longas datas,
Vão prover-se de gravatas
Elegantes e baratas,
— E vende que é umas natas
A tal loja de gravatas!

THEATRO DE D. MARIA

A Estatua

A Estatua, do sr. Lopes de Mendonça, é o acontecimento theatral da semana finda. São cinco actos em verso, com uma estatua de Leandro Braga, e um *atelier* de Manini, á maneira de prologo e epilogo. Ao todo, tres obras d'arte, aonde a litteratura, a pintura em lona, e a moldagem em gesso, guardam reminiscencias da grande estatuaria, a ponto de por vezes, na sua correcção, se confundirem. No desempenho, e como esthesiados por aquella atmosphera phidiesca que se respira da peça e do scenario, todos os artistas foram esculpturaes: e tanta era a harmonia e a graça de toda aquella exhibição de linhas nobres e de harmoniosas inspirações, que a muito espectador se affigurou não estar gozando d'uma noite de sabbado em D. Maria, mas d'uma visita ao museu das Janellas Verdes.

Seja-nos licito pois saudar n'um mesmo applauso, os tres auctores da *Estatua* de Lopes de Mendonça, com uma pontinha de commoção, que, se prefere o poeta, não admirará por certo aos que nos leem. Lopes de Mendonça, além de ser um poeta dramatico de folego, que diabo! é nosso parente.

Gustavo Bordallo Pinheiro

De raspão...

Já não são só os pantomimeiros do Rocio, apregoando a efficacia d'um elixir, do alto d'uma tipoia de praça, quem tem o privilegio exclusivo de explorar a tolice publica. Porque essa tolice, sendo maior do que em geral se cuida, dá para as escamoteações em grande escala, não sendo raro que os mais espertos se deixem ludibriar com uma bôa fé saloia, pelo primeiro intrujão que lhes faça vibrar uma certa corda. A semana ultima dá-nos exemplos em barda, para a avaliação d'essa singular credulidade, que lêva o lisboeta a pôr de banda os seus negocios, a alterar a hora das suas refeições, a faltar á secretaria, e a esportular uns cobres (que elle abate talvez nas suas despezas de cosinha) sempre que aos ouvidos lh'esturja a conhecida vóz de barraca de feira:— Vinde admirar o celebre phenomeno! Vinde admirar! Uma rainha selvagem, com um olho em cada hombro!

E faça o tempo que fizer, o lisboeta lá vae cahir de queixos perante a rainha selvagem, que elle viu na vespera, de manta de lã, vendendo castanhas á porta d'uma taberna de S. Domingos, com ambos os olhos no seu logar, e fallando a lingua de todas as mulhersinhas da cidade.

×

Assim, em menos de sete dias, as monstruosidades exhibidas pelos charlatões, na praça publica, quasi iamos a dizer, passaram de setecentas.

Elle, Emma Otero...

Maria Filippa...

Corridas de cavallos...

O João Cardador...

A formosura, a coragem, o banditismo e a burricada!

—*Eh, sabez! la musique*... E vae, nós, por nossos proprios olhos quizemos sorver, uma por uma, todas aquellas extraordinarias maravilhas. Pois que! Não temos a pretensão de ser menos paeovios do que os nossos camaradas: e essa Emma Otero, premiada no concurso de belleza d'uma cidade como Nice: e sobre formosa, cantora, e sobre cantora, rica, e escripturada no theatro da Avenida: essa Emma Otero despertou no nosso espirito uma curiosidade furiosa e insaciavel. E fomos lá. E apenas ella apparece no palco, um grito d'espanto ameaça explosir da nossa bocca.

—Olhem quem ella é, a *reinadia!*

E os nossos olhos desarticulam-na, decompoem-na por peças, como aos manequins d'amphitheatro. A cabelleira que ella traz é do Magalhães da rua da Prata, e serviu á Amelia da Silveira, na rainha do *Duque de Viseu*: os seios e os braços alugou-lhos o Cardoso da rua da Bitesga, e pertenciam a uma boneca de farello que o bom do quinquilheiro tinha na montra; a voz era d'um *barro* de moinho de vento, que lhe cedeu um moleiro da Serra de Monsanto — e quanto a pernas, se as tem, ou são as de trazer por casa do conselheiro Carrilho, ou então emprestou-lh'as alguma das actrizitas do Gymnasio.

Esta Emma Otero! que transmuttações originaes que ella tem feito! Appareceu primeiro creada de camas, n uma casa de hospedes da rua das Canastras; d'alli passa a ser a celebre joven Carlota, menina gorda n'uma barraca da feira do Campo Grande, aonde os saloios iam vêl-a disparar peças d'artilheria com o umbigo; e ahi a temos depois mulher electrica n'um primeiro andar da rua do Principe; mulher tigre na feira de Setubal; virgem da Persia, com barbas, no Jardim Zoologico; toureira hespanhola em Aldeia Gallega; Ruivo Godinho na camara dos deputados; e na rua das Gavias... inominada.

E' d'este periodo de hetaira que os jornalistas de Lisboa a conhecem, e d'ella relatam as historietas que todos sabem—a visita ao Monteiro dos milhões, no palacio Quintella... as ceias nos gabinetes do Silva, em que ella era servida á sobremesa, n'um *plateau* gigastesco, nüa como Venus ao brotar das espumas, e truffada de rosas...

E vae que de repente elimina-se... Para onde foi? Teria ido recomeçar para a provincia, a serie das suas metamorphoses estravagantes... primeiro creada de hospedaria, menina gorda em seguida, mulher electrica, etc., etc., até voltar de novo a ser rainha da belleza, no theatro da Avenida?

De resto, que ella se chame Emma ou Carolina, Dorothea ou Maria Rita; que seja bella ou hedionda, e tenha um premio em Nice ou uma inscripção no Desterro—pouco importa! O grande merito para mim, d'essa creatura, é ter ella sido ha dez ou doze annos a famosa isca que faz cahir os palermas na ratoeira que lhes armam os intrujões: é ter ella dominado com o predicado exclusivo da sua impudencia, esse soberano fanfarrão que se chama o publico, explorado todos os os dias, e no dia seguinte voltando, com centuplicada prosapia, a cahir no logro que lhe armou no caminho, o intrujão da vespera.

×

A Maria Filippa é outra versão pittoresca d'essa sentimentalidade portugueza, de que os intrujões costumam servir-se com exito, quando as Emmas Otero por qualquer circumstancia deixam de captar a attenção publica. Maria Filippa é o episodio da menina heroica que salva os irmãosinhos d'um fogo... para apanhar uma mezada.

Segundo a praxe, conta ella apenas 9 annos, traja pobre mas aceadamente, e brilha-lhe nos olhos um fulgor d'intelligencia, excepcional para a sua edade. Veiu a Lisboa pela mão do chefe dos bombeiros voluntarios da sua terra (é o costume), e visitando as redacções, a primeira coisa que fez, foi dizer que tinha pressa em voltar para os innocentes irmãosinhos que deixára a chorar por ella.

Que precocidade d'affecto, em Maria Filippa tão obscuramente desabrochada! E' d'estas Filippas que salvam os manos do fogo, em serigaitas, que se fazem talvez as Filippas de Vilhena que armam depois os filhos..... cavalleiros. Restaria averiguar quaes as razões porque o bombeiro voluntario que figura na celosão de heroicidade da creança, não apparece na historia da mulher, apresentando a agulheta, no momento em que Filippa de Vilhena toma do altar a espada, para bater com ella nas costas dos seus loiros meninos.

E' de suppôr que n'estas alturas, o bombeiro (se em 1640 os houvesse) tivesse fugido Hum! Não lhe teria cheirado a reclames nos jornaes, nem ao gaudio de vir de Loures fardado, com a menina pela mão, e um vintem cosido no peito do raglan, á laia de medalha, pelos serviços prestados no incendio d'um... phosphoro municipal.

Porque emfim, eu comprehendo que uma pequena desenvolva heroicidade no arrancar de dois irmãos a qualquer risco eminente. Mas aos 9 annos, em Loures ou na China, este procedimento que os jornaes louvaminham, e os municipios galardoam, este procedimento é tudo quanto ha de mais natural e corriqueiro.

Thuriferar uma acção, que apesar de nobre é de todos os dias, equivale quasi a suppol-a rara: e esta calumnia revolta-nos! Se a coisa fôr n'este crescendo, ainda temos de vêr o habito de Christo em jovens filhas-familias, que podendo esbofetear seus velhos paes, quando estes já não teriam forças pr'a lhes sustar os desmandos, quizeram conservar-se sublimes ao ponto de toda sas manhãs lhes chamarem simplesmente, farçolas. E o bombeiro!... Se as auctoridades premiaram Maria Filippa por a pequena ter feito aquillo que devia, porque razão se esqueceram ellas do bombeiro, que não tendo obrigação nenhuma d'acompanhar Maria Filippa, da melhor vontade o fez, e bom rapaz?

Acho que se lhe deva dar um fogo de honra. Mas que fosse ao mesmo tempo — de vistas.

IRKAN.

O CRIME DE FUENCARRAL

Descance o leitor. Não lhe daremos a recompilação da estapafurdia tragedia que está fazendo o sobresalto e a delicia dos recambolistas de Hespanha e Portugal, e tem sido uma mina d'interesse para os jornaes, por via de regra sommolentos, d'ambos os paizes. Não ha hoje em Portugal senão duas pessoas incapazes de contar o crime de Fuencarral a qualquer publico: o redactor artistico dos *Pontos nos ii*, e o redactor litterario, sua sombra. Nenhum d'estes ingenuos e bem intencionados moços acredita em tragedias. Tanta mentira lhes pregaram os *reporters*, annos e annos, que actualmente os redactores d'este jornal, de todo sentem embotado o paladar, para o maravilhoso.

Agora, quer as narrativas dos crimes sejam falsas, quer sejam verdadeiras, passamos por elles com indifferença, e não as lemos.

Tudo nos parece inventado. E verdade, verdade: este crime de Fuencarral nunca existiu. As descripções dos jornaes, os desenhos da *Illustração Hespanhola*, as chronicas da audiencia, etc., são tudo reclames com que anda o nosso amigo David Corazzi, para lançar no mercado um novo romance d'intriga. Não esquecendo que d'esta vez os reclames do sympathico industrial são mais benignos do que o foram, por occasião do seu romance *Jack,... o estripador*. Para o sucesso d'este ultimo, David Corazzi foi até ao crime, e—quem ousaria acredital-o, se não fossem as suas proprias declarações? ! — a audacia d'este menino chegou até ao extremo d'enviar a Londres um *sicario*, com faca branca para abrir a barriga a todas as *cocottes* que se apresentassem...

Augusto Ribeiro dando esta informação, recapitulemos:

—O que vae dito nos parece de molde a elucidar os nossos leitores, acerca dos personagens da tragedia Fuencarral. Ou não?

FESTA DO ORAGO NA MAIORIA

Durou tres dias, que tantas foram as sessões em que o sr. Marianno de Carvalho estibrou a celebre questão dos **440**, partindo á pedrada os telhados de vidro da apposição. E entre si, erguendo as mãos ao ceu os progressistas bradavam:

— Que assombroso discurso! Irrespondivel!

E os adversarios do orador, encolhendo os hombros

— Que pepincira!

FESTA DO ORAGO NA OPPOSIÇÃO

Sermão do habil pregador Pinheiro Chagas, genenero passional, e com santo sudario no fim, estendido do pulpito abaixo, para a escamoteação da lagrima dos fieis. De tarde houve procissão e ladainha, desde a egreja de S. Bento, até á ermidinha da rua de S. Joaquim, aonde o reverendo tornou a fallar d'uma... janella de sacada.

E entre si, erguendo as mãos ao ceu, os regeneradores bradavam:

—Que assombroso discurso! Irrespondivel.

E os adversarios do orador:

—Que pepineira!

Moralidade:

—Em politica!... Moralidade?... Isso sim!